

REVISTA
alentejo

Nº 41 DEZEMBRO 2016 > MAIO 2017 2,5 € POVO CULTURA REGIÃO DIRETOR JOÃO PROENÇA DIRETOR EXECUTIVO ANTÓNIO MURTEIRA



QUE FLORESÇAM
MIL IDEIAS
POR **BEJA**

CUBA
QUE CAMINHO
SEGUIRÁ ?

A indústria do mármore enquanto património e cultura do Alentejo

46

Armando Quintas

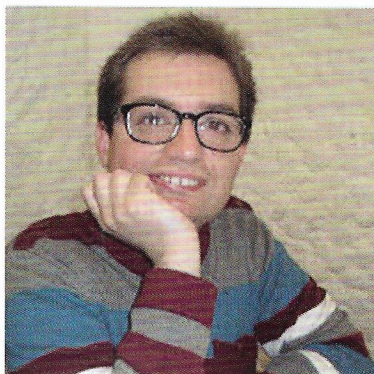
Universidade de Évora
CIDEHUS / CECHAP

Esta actividade já vem sendo exercida desde o período romano (século I), e continuada pelas civilizações posteriores, atraídas pela sua elevada qualidade. No entanto, não é senão a partir de 1920, com a chegada de grandes sociedades exploradoras, que recebe uma faceta moderna, dispondo de novos métodos, maquinaria e grandes capitais, que rapidamente substituem as explorações artesanais.

A sua “industrialização” altera profundamente os ritmos de exploração, levando a um aumento contínuo na produção, que numa primeira fase, passa das várias dezenas de metros cúbicos registados em 1885 para as cerca de 3000 toneladas alcançadas em 1930.

O período de 1971 a 1989, atesta bem já a importância alcançada no panorama nacional, quando o sector das rochas ornamentais, que compreende entre outras pedras, o mármore, possuía no país entre 301 a 427 pedreiras registadas e metade da produção das mesmas, se concentrava nos mármore explorados nos concelhos de Borba, Estremoz e Vila Viçosa. Este último, contava no ano de 1983 com 167 pedreiras, o que constituía naquele momento cerca de metade das explorações de rochas ornamentais em Portugal (Vinagre-1994).

Mais recentemente, já em período de crise económica, também sentida nesta indústria, o relatório do Banco Espírito Santo menciona que o sector extractivo nacional (minerais metálico e minerais de construção) valia, em 2012, cerca de 1.037 milhões de Euros, correspondendo 31% desse valor ao sector das rochas ornamentais. Quanto ao mármore, afirmava o seguinte: “Refira-se que Évora, apesar de ter o 2º lugar em valor produzido (25,1 milhões), apenas apresenta 6,7% (169,5 mil toneladas) em volume, o que demonstra a valo-



A exploração de mármore, em Portugal, concentra-se essencialmente no Anticlinal de Estremoz, unidade tectono-estatigráfica, formada à 500 milhões de anos, que abarca os concelhos de Borba, Estremoz e Vila Viçosa. A sua dimensão ronda os 40 km de extensão por 15 km de largura, encerrando em si a maior reserva nacional, sendo, actualmente, também um dos principais centros mundiais de extracção.



Pedreira de mármore na zona da Vigária, Vila Viçosa.
Equipa de operários (1929).



indústria existente por via de práticas como a do Turismo Cultural.

No entanto, para que a divulgação e a promoção do território sejam sustentáveis, é necessário um sólido conhecimento prévio das dinâmicas históricas e territoriais, que só se pode alcançar com recurso a uma investigação credibilizada em colaboração com especialistas e instituições integradas na estratégia científica nacional, coordenada pela FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia.

Assim, o Turismo Cultural deve ir além das visitas turísticas, juntando a esse vector a permanente criação de conteúdos a fim de melhorar essas dinâmicas e conhecer as realidades para melhor salvaguardar o património inerente. Mas também publicitar a própria indústria nos eventos científicos, assumindo ainda o compromisso de procurar incentivar a discussão de estratégias de desenvolvimento territorial e promoção das comunidades.

Objectivos que passam pelo aproveitamento das escombrelas, criando sub-productos como a cal, correctivos agrícolas, britagem e ainda novos produtos com recurso ao *design*, à actividade artística e artesanal, mas também pela identificação de antigos mercados de exportação, quer para novas vendas, quer sobretudo para práticas de conservação e restauro.

Estas práticas são formas de atingir a autenticidade e de preservar as memórias genuínas das comunidades, tendo sempre em consideração que o mármore do Alentejo está presente em todo o mundo e assim se projecta a região a cada pedaço que dela vai saindo. ■

rização superior das rochas extraídas neste distrito, particularmente do mármore.” (BES Research-2014)

Todo este desenvolvimento acabaria por influenciar quer território quer comunidades, actuando esta actividade como factor de atracção em termos de emprego e demografia, bem como na criação de uma cultura de trabalho, legando um saber-fazer técnico, industrial e artístico, que se pode observar não só nas explorações como também nas oficinas de canteiro e marmorista. (Alves - 2015).

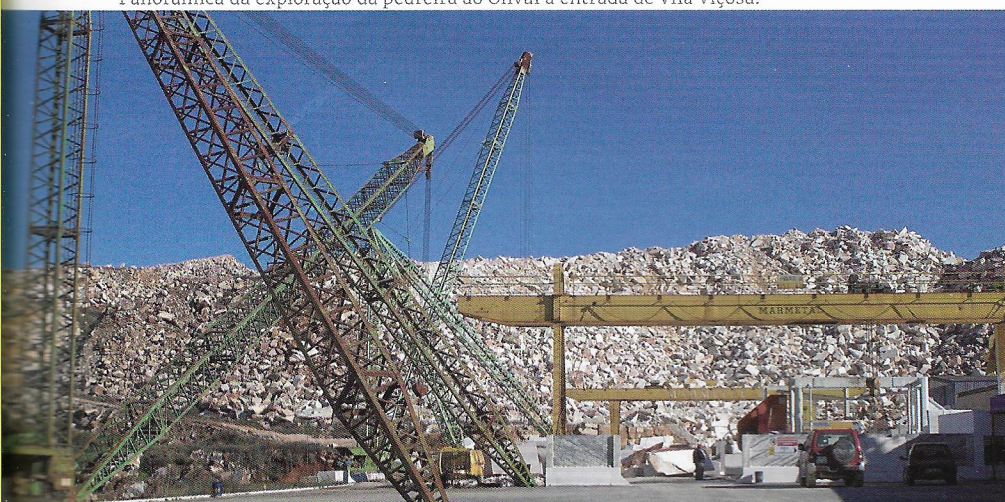
Também a paisagem se tornou testemunha desta concentração industrial, apresentando-se hoje fortemente humanizada, com as suas inúmeras oficinas de transformação, as centenas de explo-

ração a céu aberto que atingem grandes profundidades, bem como as numerosas escombrelas ou montanhas de pedra descartada.

Todos estes elementos nos remetem pois, para uma construção identitária, que oferece ao Alentejo mais uma das suas facetas, que a par da simbologia do pão, do vinho, do azeite, da cortiça e mais recentemente do cante e dos chovalhos, é também ela, uma região identificável através do mármore.

Este material nobre, constituindo-se também como património de materialidade e imaterialidade, pode contribuir para a dinamização do território a partir da sua dimensão cultural, aportando uma diversificação económica ao papel tradicional da

Panorâmica da exploração da pedreira ao Olival à entrada de Vila Viçosa.



Daniel Alves (coord.) (2015).
Mármore, Património para o Alentejo:
Contributos para a sua História (1850-1986)
http://phim.cechap.com/uploads/media/data_items/0001/01/Estudo_PORTUGUES.pdf

Bes Research (2014).
Produção de Rochas Ornamentais.
Análise Sectorial. Fevereiro de 2014

Cidália Vinagre (1994).
Indústrias extractivas e transformadoras
de Calcários cristalinos da zona de Bencatel
- Pardais - Vila Viçosa, Análise de Impactes.